


RELAÇÕES DE GÊNERO EM ESPAÇOS DE MÚSICA POPULAR E INDEPENDENTE: MULHERES MUSICISTAS EM PONTA GROSSA (PR)

GENDER RELATIONS IN POPULAR AND INDEPENDENT MUSIC SPACES: WOMEN MUSICISTS IN PONTA GROSSA (PR)

 Andria Jéssica Rodrigues ^A

 Simone Koniski Guimarães ^B

^A Professora no Conservatório de Música Maestro Paulino, Ponta Grossa, PR, Brasil

^B Doutoranda na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, PR, Brasil

Recebido em: 11/09/2021 | 21/07/2022 DOI: 10.12957/tamoios.2023.62319

Correspondência para: Andria Jéssica Rodrigues (andria.rodriguez@gmail.com)

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar as relações de gênero em espaços de música popular e independente a partir da atuação de mulheres musicistas no município de Ponta Grossa, Paraná, Brasil. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental complementada pela análise quantitativa e qualitativa de dados estatísticos e de um questionário, dirigido aos músicos e às musicistas que atuam na cidade. A motivação para desenvolver tal pesquisa é decorrente da experiência de uma das autoras como instrumentista e professora de música e da proposta de problematizar essas experiências a partir de uma perspectiva geográfica e feminista. Os resultados obtidos demonstram que historicamente as mulheres recebem pouco incentivo para atuar com liberdade no ramo musical e que quando se propõem a ocupar os diversos espaços relacionados à música ainda enfrentam uma série de preconceitos e estigmas. No entanto, assim como em outros contextos, as mulheres têm se inserido no ramo musical e têm buscado ocupar esses espaços no que pode ser caracterizado como um movimento de empoderamento e resistência.

Palavras-chave: empoderamento; espaço; Geografia; gênero; música.

Abstract

The purpose of this article is to analyze gender relations in popular and independent music spaces based on the performance of women musicians in the city of Ponta Grossa, Parana, Brazil. Therefore, a bibliographical and documentary research was carried out, complemented by quantitative and qualitative analysis of statistical data and a questionnaire, addressed to musicians and musicians who work in the city. The motivation to develop this research stems from the experience of one of the authors as an instrumentalist and music teacher and the proposal to problematize these experiences from a geographical and feminist perspective. The results obtained demonstrate that, historically, women receive little incentive to act with freedom in the musical field and that when they propose to occupy the different spaces related to music, they still face a series of prejudices and stigmas. However, as in other contexts, women have entered the music industry and have sought to occupy these spaces in what can be characterized as a movement of empowerment and resistance.

Keywords: empowerment; space; Geography; genre; music.

INTRODUÇÃO

O espaço geográfico pode ser analisado a partir da coexistência e da disputa de diferentes grupos em diferentes espaços e períodos. Conforme demonstrado por Doreen Massey (2008) o espaço está sempre em processo de construção, sendo um produto de inter-relações e também a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade. Assim, o estudo das relações de gênero em espaços relacionados à música popular e independente – como os palcos de bares, teatros e festivais; as escolas e faculdades de música e as gravadoras





–, visa contribuir para mitigar as desigualdades de gênero existentes nesses espaços a partir da reflexão sobre essa realidade.

Conforme o artigo *Mulheres na música: uma trajetória de luta e invisibilidade através da lente de uma pesquisadora*, escrito por Harue Tanaka “[...] a mulher ainda não ocupou devidamente seus espaços na sociedade e na política, e [...] todo movimento de conscientização, empoderamento e defesa em nome de seus direitos, precisa ser fomentado e divulgado.” (TANAKA, 2018, p. 23). A autora aponta que nas últimas décadas as mulheres têm se inserindo cada vez mais no campo da música. Entretanto, a experiência e diversos estudos evidenciam que as mulheres ainda enfrentam uma série de preconceitos e estigmas especialmente no cenário da música popular independente.

Quando um homem sabe de música, ele é cult. Quando uma mulher entende do mesmo assunto, ela está à procura de homem. Quando um homem decide trabalhar com música, ele está seguindo um sonho; quando uma mulher aprende a tocar um instrumento, ela quer chamar a atenção; este tipo de comportamento suscita a pergunta: por que a cena independente do rock [e da música independente em geral] é tão opressora em relação às mulheres? (MEDICI; CASTRO; MONTEIRO, 2017, p. 1).

Neste artigo analisamos as relações de gênero em espaços de música popular e independente a partir da atuação de mulheres musicistas¹ no município de Ponta Grossa (PR), com base em um estudo bibliográfico e documental (reportagens e editais públicos) e na análise quantitativa e qualitativa de dados estatísticos sobre a desigualdade de gênero e da análise das respostas de um questionário dirigido aos músicos e às musicistas que atuam na cidade. O questionário foi criado com auxílio da ferramenta *Google Formulários* e recebeu respostas entre os dias 19 de fevereiro e 14 de março de 2021. Para este artigo foram analisadas as respostas relativas ao gênero dos (as) respondentes.

A motivação para desenvolver este estudo é decorrente da experiência da primeira autora como instrumentista e professora de música e da proposta da segunda autora de problematizar essas experiências a partir de uma perspectiva geográfica e feminista. A partir dessa pesquisa, observa-se que historicamente as mulheres recebem pouco incentivo para atuar com liberdade no ramo musical e quando se propõem a ocupar os diversos espaços relacionados à música ainda enfrentam uma série de preconceitos e estigmas. Mesmo assim, cada vez mais mulheres têm se inserido nesse ramo e têm buscado ocupar esses espaços no que, como será discutido no artigo, pode ser caracterizado como um movimento de empoderamento e resistência.

O artigo está subdividido em três partes, sendo a primeira esta introdução que apresentou também a metodologia utilizada no estudo. A segunda parte do artigo discute as implicações de gênero no ramo musical. Na terceira e última parte são destacados os exemplos de três iniciativas que podem ser consideradas como integrantes de um movimento



de empoderamento e a resistência, empreendidas por mulheres musicistas em espaços de música popular no município de Ponta Grossa (PR).

A MULHER MUSICISTA EM ESPAÇOS DE MÚSICA POPULAR

No artigo intitulado *Não excluam metade da humanidade da geografia humana*, as geógrafas Janice Monk e Susan Hanson discutem as influências da omissão da reflexão sobre gênero e sobre a organização patriarcal da sociedade na produção geográfica, destacando que “[...] o grau em que a geografia permanece intocada pelo feminismo é notável, e a escassez de atenção voltada às questões das mulheres assola, explícita ou implicitamente, todos os ramos da geografia humana.” (MONK; HANSON, 2016, p. 31).

Omissão esta que desconsidera a importância da pesquisa geográfica para a criação de políticas públicas e para a tomada de decisões, tendo em vista que é necessário compreender também a diversidade de experiências e necessidades das mulheres para que essas políticas e decisões atinjam a outra metade da humanidade. De acordo com as autoras:

Uma abordagem mais sensível às questões femininas é essencial ao desenvolvimento de uma geografia não sexista, se não feminista. Além disso, acreditamos que a eliminação de vieses sexistas geraria uma geografia politicamente mais relevante. Na medida em que os papéis de gênero definem de maneira significativa as vidas de mulheres e homens, será frutífero incluir o gênero como variável potencialmente importante em muitos contextos de pesquisa. (MONK; HANSON, 2016, p. 48).

Monk e Hanson propõem que o debate sobre a incorporação da perspectiva feminista na ciência geográfica pode ser feito a partir de dois caminhos. O primeiro seria o desenvolvimento de uma sólida linha de pesquisa feminista no interior da disciplina, o que de acordo com as autoras seria insuficiente. Já o segundo caminho, que tentamos adotar nessa pesquisa, seria o desenvolvimento de “[...] uma perspectiva feminista em todas as correntes da geografia humana.” (MONK; HANSON, 2016, p. 32).

Vivemos em uma sociedade patriarcal que impõem às mulheres uma série de restrições baseadas naquilo que se espera delas. O corpo das mulheres, assim como o corpo da comunidade LGBTQI+ e de outros grupos minoritários, é constantemente regulado por padrões comportamentais e estéticos heteronormativos. Uma discussão importante sobre isso é realizada por Judith Butler (2003) a partir da concepção de gênero como performance. De acordo com a autora, o corpo é uma superfície regulada, ou seja, “[...] o gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos.” (BUTLER, 2003, p. 200). No meio musical isso não é diferente, há uma série de restrições decorrentes dos papéis atribuídos às mulheres que, em geral, não são incentivadas a ocupar determinados espaços, a realizar determinadas atividades e a agir de



determinadas maneiras ao mesmo tempo em que são cobradas a ocupar outros espaços, a realizar outras atividades e a agir de outras maneiras.

No município de Ponta Grossa (PR) as mulheres ainda são a minoria em espaços de música popular e independente "[...] atuando, na maioria das vezes, como ouvintes e dificilmente como participantes." (FRIESEN, 2018, p. 8). Do total de 57 respondentes de um questionário elaborado para esta pesquisa e direcionado aos músicos e às musicistas da cidade, apenas 15 (26,3%) participantes se identificam com o gênero feminino, enquanto 41 (71,9%) se identificam com o gênero masculino e um (a) participante não se identificou com um ou outro gênero (não binário). Apesar da baixa adesão ao questionário essa porcentagem se assemelha à porcentagem obtida ao analisar os resultados do Censo Cultural realizado pela então Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa em 2020, que levantou dados sobre os agentes culturais de diversos seguintes segmentos culturais da cidade. No seguimento da música o censo recebeu 376 respostas, das quais 290 (77%) participantes se apresentaram com nomes masculinos e 86 (23%) se apresentaram com nomes femininos (FMC, 2020). A categoria nome foi utilizada aqui tendo em vista que a categoria gênero não aparece nos resultados públicos do censo.

A partir da experiência como instrumentista em diversos espaços de música popular no município de Ponta Grossa (PR) e região, foi possível observar e sentir na pele que, a atuação da mulher nesses espaços é frequentemente estigmatizada. Mesmo assim, cada vez mais mulheres têm se inserido no ramo musical na cidade e têm buscado ocupar esses espaços. Porém, quando finalmente ocupam esses espaços, as mulheres ainda enfrentam diversos outros obstáculos.

Uma das principais dificuldades enfrentada por mulheres musicistas é o constante questionamento da sua capacidade técnica. Conforme relato de uma das musicistas que é destacada na última parte do artigo, por ser cantora a mesma não é levada a sério e/ou não é vista pelos técnicos de som como capaz de opinar em relação a questões técnicas². Esse aspecto também fica evidente em um estudo sobre outro grupo que também será destacado no artigo, quando a autora aponta que "[...] mesmo quando elogiadas, algumas delas [das integrantes da banda] ainda têm que passar por questionamentos ou críticas e 'provar' que são competentes tal qual um homem seria." (Friesen, 2018, p. 34). Porém, além de terem a sua capacidade técnica questionada as mulheres musicistas também são frequentemente objetificadas, sexualizadas e silenciadas.

Objetos, nunca sujeitos, as mulheres têm dificuldade de se estabelecerem como uma voz a ser ouvida, já que suas palavras, e no caso da música, suas canções, falam de um universo não masculino e, portanto, não importante. Já os homens, independente dos assuntos que tratam, são porta vozes da humanidade, e tem liberdade para falar de qualquer assunto. O gênero, nesse caso, é uma forma de definir e, portanto, restringir, os papéis adequados aos homens e às mulheres. (SCOTT, 1995, p. 75) Seja por meio da objetificação - que desumaniza, do silenciamento - que limita a possibilidade de expressão, ou a depreciação - que questiona a capacidade técnica da mulher - o machismo. (MEDICI; CASTRO; MONTEIRO, 2017, p. 3).



No contexto musical, há ainda uma divisão entre práticas e instrumentos musicais que são considerados masculinos ou femininos. Lucy Green (2001, 2017) discute a relação entre gênero e música a partir dos significados atribuídos à performance de mulheres cantoras, instrumentistas e compositoras ao longo da história das práticas musicais femininas e sua reprodução no ensino musical. De acordo com a autora:

[...] as mulheres tocavam majoritariamente instrumentos de corda dedilhada e de tecla, muitas vezes acompanhando a voz, sempre com uma postura reservada e, no início, em ambientes domésticos privados. Apenas nos últimos duzentos anos começaram a apresentar-se nos grandes palcos e, mesmo assim, comedidamente. As mulheres foram firmemente desencorajadas a tocar em público instrumentos de formato volumoso, som forte e complexidade técnica. (GREEN, 2017, p. 50).

Green (2001, 2017) demonstra como o canto é associado a definições patriarcais de feminilidade (relacionadas a aspectos como a objetificação do corpo e a maternidade), sendo essa uma das razões para terem existido mais mulheres cantoras ao longo da história da música. Por outro lado, destaca que a performance instrumental pública feminina rompe com as concepções patriarcais de feminilidade e a composição feminina (que inclui também na visão da autora trabalhos técnicos como a improvisação e gravação) ameaça ainda mais essas convenções:

A ideia de uma mulher que manipula ou controla mentalmente a música é incomensurável e inaceitável, pois não se compreende que ela retenha sua feminilidade dependente e corporal ao mesmo tempo que produz uma obra de gênio, cerebral e potencialmente autônoma. Os efeitos dessa ameaça se manifestam nas práticas das compositoras e na recepção de sua música ao longo da história. (GREEN, 2001, p. 111, tradução nossa).

De acordo com a pesquisa realizada por Oliveira (2019) no Conservatório Maestro Paulino Martins Alves – uma escola de música pública mantida pela Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa (PR), com estudantes com idade a partir de 10 anos –, alguns instrumentos musicais são mais escolhidos por mulheres (como a flauta transversal, os instrumentos de cordas e o canto lírico) enquanto outros são mais escolhidos por homens (como o saxofone, o violão e o trompete). No entanto, ao serem questionadas pelo pesquisador sobre se a escolha desses instrumentos reflete algum tipo de estereótipo de gênero, as participantes da pesquisa não reconheceram essa influência.

EMPODERAMENTO E RESISTÊNCIA



[...] A gente apanha, tá ali na frente, dá a cara à tapa. Acho que é isso, a gente nem sabia que estava dando a cara à tapa. Não fazia ideia de que seria assim, não sabia de todo perrengue e, ao mesmo tempo, toda aceitação. Tem muita mina que vem agradecer, que é o que faz valer, e muito! [...]³

De acordo com Joice Berth (2019) o termo *empowerment* foi cunhado em 1977, pelo sociólogo estadunidense Julian Rappaport. Em português a palavra empoderamento é um neologismo que significa dar poder ou capacitar. Para a autora o termo indica uma postura de enfrentamento. Nesse sentido, empoderar é “[...] pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da História.” (BERTH, 2018, p. 19).

De acordo com a autora o ato de se empoderar se refere à tomada de consciência – individual e coletiva – em relação às opressões sofridas e às próprias potencialidades. No entanto, essa tomada de consciência é apenas um primeiro passo, pois:

Se empoderar não quer dizer que a pessoa deixa de sofrer às injustiças provocadas pelo meio social, ou seja, neste contexto, significa que ela passa a reconhecer essas discriminações e que pode atuar ativamente e criticamente no combate às mesmas. (MARQUES; FONSECA, 2020, p. 30).

A ação de ocupar espaços relacionados à música, portanto, pode ser considerada como um movimento de empoderamento e resistência, promovido por mulheres que enfrentam as restrições e estigmatizações impostas nesses espaços.

As mulheres instrumentistas, as compositoras, ou mesmo as que trabalham nos bastidores, editando, produzindo e mixando as músicas, elas se tornam figuras de empoderamento feminino quando, ao assumir posições ocupadas em sua maioria por homens, mostram que a mulher é capaz de exercer qualquer função dentro da indústria musical. (MEDICI; CASTRO; MONTEIRO, 2017, p. 8).

No município de Ponta Grossa, um exemplo recente é o da banda *Catrinhas*. Composta por um quarteto de mulheres a banda foi criada em 2014, tocando às quartas-feiras em um projeto intitulado *Quarta é o dia delas*. Por ter um repertório diversificado a banda alcançou popularidade em pouco tempo e começou a se apresentar frequentemente em bares, eventos e confraternizações dentro e fora da cidade, fazendo também tributos a vozes femininas. Em 2016 a vocalista da banda foi selecionada para participar do *The Voice Brasil* um programa de televisão veiculado para todo o país e ainda em 2016 a banda encerrou suas atividades.

Mesmo com o término da banda é importante destacar sua relevância por ter contribuído para ampliar a visibilidade das mulheres musicistas em espaços de música



popular na cidade e abrir caminho para projetos que mesmo com as restrições impostas pela pandemia de COVID-19 têm buscado dar voz a grupos constantemente marginalizados na música compondo canções e performances que denunciam todo tipo de opressão.

Um desses projetos, criado em 2017, é o da *MUM*, nome artístico da cantora e compositora Gabriela Cordeiro de Paula. O nome *MUM* tem relação direta com as composições da artista, pois, se refere à abreviação de *Mais Uma Mulher*, e também faz alusão à sonoridade das palavras mãe e lua em inglês (MORAIS, 2019). Em 2019 a artista lançou a música *Um corpo é um corpo* e o EP *Nebulosa*, com a banda composta por Rafael Arcoverde (guitarra), Wallace Matheus (baixo), Lorena Smiguel (piano/syntes), Wlader Better (bateria) e Luna Lazuli/Cristian Oliveira (violino). No mesmo ano lançou, em parceria com Millena Villanueva e Ana Itschuk, o curta-metragem intitulado como *O corpo é obra prima* (Figura 01). A obra é resultado do projeto *Um corpo é um corpo* desenvolvido em parceria com Diálogos Culturais. O projeto buscou instigar a reflexão sobre a representatividade do corpo gordo nas artes com uma releitura de sete obras de arte famosas com modelos voluntários (ARTISTA, 2019).

Figura 01 – Capa do documentário *O corpo é obra prima*



Fonte: MUM, 2019.

Assim como grande parte dos artistas a MUM teve seu trabalho parcialmente interrompido em 2020 em função da pandemia de Covid-19. Em 2021 a artista retomou suas atividades e passou a produzir conteúdo para a internet ampliando sua visibilidade a partir das redes sociais².

Outro exemplo relevante é o da banda *A Vera* composta por cinco mulheres Letícia Carvalho (voz), Andria Jéssica Rodrigues (baixo), Karine Galbardi (bateria), Amanda Bueno



(guitarra) e Aline Garabeli (teclado). A banda foi criada em 2017 e se apresentou pela primeira vez no evento *Respeita as Mina* realizado em um bar da cidade. De acordo com Friesen (2018) a atuação da banda é “[...] voltada à exposição, à crítica e à promoção da reflexão sobre o papel da mulher na sociedade.” (FRIESEN, 2018, p. 10).

“A Vera” tem como referência artistas, compositoras e intérpretes que evidenciam sempre a música e o trabalho feminino. Com conteúdo autoral e repertório que aborda temas que falam sobre violência, religião, racismo, empoderamento feminino, autoestima, abuso, homofobia e outras demandas sociais e ideologias pessoais, a banda tenta gerar identificação com grupos que não se sentem tão identificados na cena cultural atual e nem com a própria música que “consomem”. (FRIESEN, 2018, p. 30).

Ainda em 2017 a banda participou do 30º *Festival Universitário da Canção (FUC)*⁴ recebendo o prêmio de melhor canção, eleita pelo Júri Popular na etapa regional, com a música *Intermitência*⁵ composta pela vocalista da banda. A música aborda o reconhecimento da potencialidade e da resistência feminina.

Feito água de riacho
Que hora seca, hora transborda
Intermitente que só ela
[...]

Ô mulher,
‘Cê’ vale tanto
Vale o pranto
Vale ouro
Vale música
[...]

Pulsa na veia vermelha
Sangue de revolução
Mulher se constrói guerreira
Sente a diária opressão
Corpo que guarda o sagrado
Instiga o puro existir



Corpo que sofre regrado dispa-se pra resistir.

A participação da banda no FUC contribuiu para a ampliação do seu público atingindo também mulheres mais velhas, que também se sentem representadas pelo trabalho da banda (FRIESEN, 2018). Em 2019 a banda participou da 32ª edição do *FUC* com a música *Maçã*⁶ e foi premiada novamente com o primeiro lugar na etapa regional, o terceiro lugar na etapa nacional, melhor letra e aclamação popular. A música aclamada no festival aborda de forma veemente a violência e o abuso vivenciados por mulheres e minorias.

Ele no silêncio se fez cão
Não, não era fruto da tua imaginação
O desgosto não é o gosto da tua fruta
Faz o teu doce virar tua luta
Na rua me chama de puta
Me ameaça sou a VAGABUNDA
Meu seio, meu colo, meu corpo
Não é convite não
[...]
Do teu veneno eu bebo
Destilo o meu próprio amor
Na rua, no afago, no laço
Me despeço da dor
[...]

80 tiros por engano
O corpo arrastado no chão
O avô que só queria brincar
O assassinato sem solução
A mão que aperta o gatilho
É a mesma mão que abre o botão
Mesma mão que aponta a vítima
Mesma mão que dá extrema unção
A mão que invade o corpo



A mão que marca pra sempre
A mão que me chama de louca
A mão que me quer doente
Jamais será mais forte
Jamais será mais potente
Do que a mão que segura a minha
Do que a mão que por amor se estende
[...]

Em 2019 a banda participou junto com a cantora e compositora *MUM* de uma edição inédita do também tradicional projeto *Sexta às Seis*, na qual o palco do projeto foi ocupado majoritariamente por mulheres pela primeira vez (GALVÃO et al, 2019). O projeto *Sexta às Seis* é um evento musical que ocorre no final das tardes de sextas feiras em espaços públicos da cidade desde o ano 1989. Apesar de ter passado por diversas mudanças na sua organização e administração, de ter sido suspenso e de ter mudado o local de realização em alguns períodos (ANDRADE; MONASTIRSKY, 2018) o palco do projeto foi ocupado somente por mulheres apenas 30 anos após sua criação (Figura 02).

Figura 02 – Banda *A Vera* no *Sexta às Seis*



Fonte: GALVÃO et al, 2019.



Em 2020 a banda foi contemplada com o *Prêmio de Reconhecimento da Trajetória de Grupos, Coletivos e Projetos Culturais*, criado para amparar financeiramente artistas, produtores e empreendedores culturais impactados pelas restrições impostas pela pandemia de COVID-19 (PMPG, 2020), conforme disposto pela *Lei Aldir Blanc* – Lei nº 14.017 de 29 de junho de 2020 (BRASIL, 2020). Em função da pandemia de Covid-19 e da consequente restrição para a realização de eventos, a banda ficou sem fazer apresentações públicas até o dia 13 de março de 2021 quando se apresentou na internet em uma *live* finalizando a programação da *Semana Aparecida: Mulher, arte e resistência* organizada pela *Galeria Prette* (DENCK; MAGALHÃES, 2021).

As medidas de distanciamento físico – essenciais para conter a pandemia –, vêm reforçando desigualdades econômicas, raciais e de gênero em diversos seguimentos da sociedade, incluindo o ramo musical. Uma dessas desigualdades se refere ao tempo dedicado aos cuidados de pessoas e do lar. De acordo com as Estatísticas de Gênero publicadas pelo IBGE “No Brasil, em 2019, as mulheres dedicaram aos cuidados de pessoas ou afazeres domésticos quase o dobro de tempo que os homens (21,4 horas contra 11,0 horas).” (IBGE, 2021, p. 3).

Nesse período as mulheres tiveram uma sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidado ainda maior. Uma pesquisa realizada pela Gênero e Número (GN) e pela Sempre Viva Organização Feminista (SOF) apontou que “[...] 35,7% são as únicas responsáveis pelo trabalho doméstico e de cuidado em suas casas.” (GÊNERO, 2020, p. 36). O relatório aponta ainda que nesse período, “[...] 50% das mulheres passaram a apoiar ou se responsabilizar pelo cuidado de outra pessoa.” (GÊNERO, 2020, p. 32).

Músicos e musicistas podem ter sido afetados da mesma forma em relação ao cancelamento de apresentações, ensaios e shows, porém, conforme os dados apresentados, a grande maioria das mulheres têm outros desafios que refletem nas oportunidades. Na trajetória de trabalho dos exemplos apresentados no artigo, a proposta de abrir caminhos e dar voz a grupos femininos constantemente marginalizados na música e na sociedade é evidenciada. Além disso, suas produções não visam apenas entreter o público, mas também ocupar os espaços relacionados à produção musical e propagar mensagens voltadas ao enfrentamento e a resistência perante diversos tipos de desigualdades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desigualdade de gênero em espaços relacionados à música popular e independente (palcos de bares, teatros e festivais; escolas e faculdades de música; gravadoras; entre outros) é uma realidade que pode ser observada em diferentes dimensões de acordo com a escala de análise. Este estudo apontou que no município de Ponta Grossa (PR) as mulheres musicistas ainda são a minoria. A literatura sobre a temática aponta que isso se deve justamente à organização patriarcal da sociedade, ou seja, além de receberem pouco incentivo para tocar qualquer tipo de instrumento e para compor qualquer tipo de música, as mulheres ainda enfrentam uma série de preconceitos e estigmas quando se propõem a romper essa barreira.



No entanto, assim como em outros contextos, as mulheres têm se inserido no ramo musical e têm buscado ocupar esses espaços. Esse movimento é caracterizado no artigo como um movimento de empoderamento e resistência que carece de mais estudos na cidade, tendo em vista que produções como as apresentadas no artigo buscam abrir caminhos e dar voz a grupos constantemente marginalizados na música e na sociedade.

Por outro lado, a pandemia de COVID-19 tem ampliado a sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidado que atinge mulheres de todas as áreas de atuação profissional bem como o ramo musical. Ainda não é possível afirmar com clareza o impacto que essa sobrecarga terá na vida e nos projetos dessas mulheres, porém, a pandemia também tem contribuído para aumentar a visibilidade das desigualdades de gênero em relação ao trabalho invisível das mulheres realizado no espaço circunscrito do lar (OLIVEIRA, 2020).

Esperamos que esse artigo possa contribuir com essa discussão e com a promoção de políticas públicas voltadas à educação musical e à conscientização de homens e mulheres sobre a importância de oferecer oportunidades iguais para todas as pessoas, para que então todo e qualquer espaço, como os espaços de música popular e independente, realmente possibilitem a coexistência da diversidade.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as musicistas e a todos os músicos que contribuíram para a realização da pesquisa e que lutam contra as desigualdades de gênero.

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida a uma das autoras junto ao curso de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa sem a qual não seria possível envolver-se nesta pesquisa.

NOTAS

1 – A denominação musicista(s) pode ser usada para se referir a homens e a mulheres, porém, como a palavra músico costuma se referir a homens, e a palavra música se refere principalmente à composição de sons, a denominação musicista pode ser utilizada para se referir principalmente às mulheres que trabalham com música. (COELHO; SILVA; MACHADO, 2017).

2 – Informação verbal concedida às autoras em 08 de setembro de 2021.

3 – Trecho de entrevista concedida a Friesen (2018, p. 38).

4 – O FUC é um festival tradicional criado em 1980 e organizado pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) até o ano de 1986. A partir de 1995 o festival passou a ser organizado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). O festival é realizado anualmente com apresentações e premiações relativas às etapas regional e nacional e com a participação de



músicos, compositores e intérpretes não só locais e da região dos Campos Gerais como também de outras partes do Brasil (PROEX, 2021).

5 – A letra da canção *Intermitência* está disponível na íntegra no *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=01fVvxw4noc>. Acesso em: 26 ago. 2021.

6 – A letra da canção *Maçã* está disponível na íntegra no *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ALG4WyEZtsc>. Acesso em: 26 ago. 2021.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Adriana Aparecida de; MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. A música em espaços públicos: projeto musical “Sexta às Seis”, Ponta Grossa (PR). *Geograficidade*, Niterói, v. 8, n. especial, p. 9-26, primavera 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/13150/pdf>. Acesso em: 18 ago. 2021.

ARTISTA de PG lança documentário sobre gordofobia. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, 06 nov. 2019. Disponível em: <https://dcmais.com.br/brasil/artista-de-pg-lanca-documentario-sobre-gordofobia/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BERTH, Joice. *Empoderamento: feminismos plurais*. Coordenação Djalma Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COELHO, Mayara Pacheco; SILVA, Marcos Vieira; MACHADO, Marília Novais da Mata. Mulheres na música: histórias que se cruzam. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 840-859, dez. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682017000300005. Acesso em: 10 fev. 2021.

DENCK, Helena; MAGALHÃES, Lilian. Banda A Vera retorna com live após pausa durante a pandemia. *Cultura Plural*, Ponta Grossa, 16 mar. 2021. Disponível em: <https://culturaplural.sites.uepg.br/?p=6034>. Acesso em: 29 ago. 2021.

FRIESEN, Geovana. *Banda “A Vera”: A voz feminina no meio musical de Ponta Grossa*. 2018. Monografia (Licenciatura em Música) – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2018.

FMC - Fundação Municipal de Cultura. *Cadastro de agentes culturais: censo cultural*. 2020. Disponível em: <https://cultura.pontagrossa.pr.gov.br/censocultural/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

GALVÃO, Amábil. et al. ‘Noite das mina’: presença feminina marca o penúltimo Sexta às Seis do ano. *Nova Pauta – Jornalismo UniSecal*, 04 out. 2019. Disponível em:



<http://jornalismosecal.com/noite-das-mina-presenca-feminina-marca-o-penultimo-sexta-as-seis-do-ano/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

GÊNERO e Número. Sempreviva Organização Feminista. *Sem parar*: O trabalho e a vida das mulheres na pandemia. 2020. Disponível em: <https://mulheresnapandemia.sof.org.br/>. Acesso em: 03 ago. 2021.

GREEN, Lucy. Identidade de Gênero, experiência musical e escolaridade. *Journal Music, Psychology and Education*, Porto, n. 2, p. 47-64, 2017. Disponível em: <https://parc.ipp.pt/index.php/rmpe/article/view/2401/562>. Acesso em: 03 ago. 2021.

GREEN, Lucy. *Música, género y educación*. Madrid: Ediciones Morata, 2001.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estatísticas de Gênero*: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=publicacoes>. Acesso em: 29 ago. 2021.

MARQUES, Ana Carolina dos Santos. FONSECA, Ricardo Lopes. A representação das mulheres no rap: instituindo espacialidades, quebrando barreiras. *Revista do Departamento de Geografia*, São Paulo, v. 39, p. 25-37, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/rdg.v39i0.158041>. Acesso em: 10 fev. 2021.

MASSEY, Doreen Barbara. *Pelo espaço*: uma nova política da espacialidade. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MEDICI, Júlia; CASTRO, Clariana; MONTEIRO, Tiago. O Futuro é Feminino: o Empoderamento Feminino por Meio da Música. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40, 2017. Curitiba. *Anais [...]* Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), 2017. p. 01-13. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2270-1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2021.

MONK, Janice; HANSON, Susan. Não excluam metade da humanidade da geografia humana. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Org.). *Geografias feministas e das sexualidades*: encontros e diferenças. Ponta Grossa: Todapalavra, 2016, p. 31-54.

MORAIS, Gustavo. *MUM*: uma preciosa dose de vanguarda no DNA da novíssima música brasileira. Palco MP3, Belo Horizonte, 05 set. 2019. Disponível em: <https://blog.palcomp3.com/mum-musica-brasileira-autoral/>. Acesso em: 10 fev. 2021.

MUM. *Facebook*, 01 nov. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/maisumamulher/photos/2342309289210964>. Acesso em: 26 ago. 2021.



OLIVEIRA, Anita Loureiro de. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de COVID-19. *Revista Tamoios*, São Gonçalo, v. 16, n. 1, Especial COVID-19. p. 154-166, mai. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448>. Acesso em: 19 fev. 2021.

OLIVEIRA, Jairo de. *A influência de gênero nas escolhas dos instrumentos musicais por mulheres*. 2019. Monografia (Licenciatura em Música) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.

PMPG - PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. Fundação Municipal de Cultura. Conselho Municipal de Política Cultural. *Edital 013/2020*. Prêmio de Reconhecimento da Trajetória de Grupos, Coletivos e Projetos Culturais. Ponta Grossa, 22 de outubro de 2020. Disponível em: <https://cultura.pontagrossa.pr.gov.br/lei-aldir-blanc/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

PROEX. Pró-Reitoria de Extensão e de Assuntos Culturais da UEPG. *Festival Universitário da Canção – FUC*. Disponível em: <https://www2.uepg.br/proex/fuc/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

TANAKA, Harue. Mulheres na música: uma trajetória de luta e invisibilidade através da lente de uma pesquisadora. *Claves*, João Pessoa, v. 2018, p. 01-25, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/claves/article/view/42277>. Acesso em: 19 fev. 2021.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

RODRIGUES, Andria Jéssica. GUIMARÃES, Simoni Koniski. Relações de gênero em espaços de música popular e independente: mulheres musicistas em Ponta Grossa (PR). *Revista Tamoios*, São Gonçalo, v. 19, n. 1, p. 163-177, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2023.62319> . Acesso em: DD MM. AAAA.